



Q

uando o relógio bater 11 horas, o céu abre lá em cima”, assegura o mestre de barco Orlando Conceição, referindo-se ao topo da montanha que se ergue a partir da praia do Cruzeiro. Neto de escrava, bisneto de índios e filho do Saco do Mamanguá, seu Orlando

herdou de seus antepassados a maestria na adivinhação do tempo. Mantém um olho no reparo da rede, seu sustento, e outro na cuidadosa análise das nuvens, dos ventos, dos ciclos da lua e do vai-e-vém da maré.

Do alto de um morro à beira-mar, depois de uma hora de caminhada puxada, comprovamos que a adivinhação de seu Orlando é pontual. No horário estimado, a grande massa cinzenta se dispersa e o sol ilumina a vista espetacular. Os caiaques agora são meros pontinhos coloridos no baixio de areia. O que se vê é um braço de mar esmeralda com 8 quilômetros de extensão. Ele avança labiríntico pelo continente, as bordas forradas de pura Mata Atlântica e recortadas de 33 pequenas praias, cinco parciais e duas ilhas.

O Saco do Mamanguá, na orla de Paraty (RJ), tem os contornos de um pequeno vale inundado pela água do mar, o que explica que ele seja descrito como um fiorde tropical. É mais correto, no entanto, classificá-lo como ria, uma entrada de mar aberta por desembocaduras fluviais. Enquanto os fiordes nórdicos têm paredes altíssimas, a profundidade do Mamanguá não passa de 10 metros. É um refúgio de águas calmas, cercado por paisagem exuberantemente verde, que merece ser explorado da forma mais natural possível, combinando o deslocamento suave numa embarcação leve com caminhadas. Sem o barulho e a fumaça de um transporte a motor – e, sobretudo, sem pressa.

O Mamanguá é criadouro natural do cobiçado camarão branco e de outras cem espécies do mar. A região é prote-

gida por duas Unidades de Conservação que se sobrepõem, a Área de Proteção Ambiental (Apa) do Cairucu, gerenciada pelo Ibama, e a Reserva Ecológica da Joatinga, administrada pelo Instituto Estadual de Florestas do Rio de Janeiro. Nenhuma delas sabe, porém, se o lugar será reclassificado no Sistema Nacional de Unidades de Conservação como reserva extrativista ou reserva sustentável.

No Saco do Mamanguá não há luz elétrica, estradas nem mesmo trilhas razoáveis. O acesso difícil tem sido, até agora, o melhor aliado da comunidade caiçara que vive de suas riquezas naturais. Para chegar aqui, só mesmo de barco. “De preferência, um caiaque, que não gasta gasolina e leva a casa dentro”, resume Christian Fuchs, remador experiente em grandes travessias e nosso guia nesta expedição.

Nossa jornada começou em Paraty-Mirim, o ponto mais próximo do Mamanguá que se pode chegar de carro, em direção à Praia Grande, já nas entranhas do “fiorde brasileiro”, 18 quilômetros adiante. Eu seguia a bordo de um caiaque individual, enquanto Fuchs e o fotógrafo Luciano Candisani dividiam uma embarcação dupla. As remadas eram tranqüilas e o tempo nublado não prejudicava tanto a visibilidade dessas águas abrigadas – dava para ver estre-las-do-mar no fundo de areia. Na altura da Ilha das Almas, encontramos um pescador que batia vigorosamente com o remo na água. “É para assustar os peixes”, explicou Benedito João. “Eles pensam que é boto, e entram na rede”. Cerca de 20 anos atrás, a família de Benedito vendeu a posse que tinha na Ilha das Almas para morar em Paraty-Mirim. Ele tem saudade daquela época. “Em uma puxada de rede, vinham 10, 20 quilos. Hoje, se vier um peixe, já tá bom”, lamenta o caiçara, enquanto retira da rede, decepcionado, uma corvina de pouco mais de meio quilo.

A passagem pela Ponta da Escalvada, adentrando o Saco do Mamanguá, revela toda sua beleza magistral. Entre os costões rochosos cobertos de bromélias, formam-se pequenas piscinas verde-esmeralda. Atobás e gaivotas mergulham dentro delas, em busca de alimento. No inverno, são ban-